

CAPÍTULO 3

INTERCULTURALIDADE E INTERCONNECTIVIDADE INFOCOMUNICACIONAL NA CPLP

Roberto Vilmar Satur¹³

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

Armando Malheiro da Silva¹⁴

Faculdade de Letras/CITCEM, Universidade do Porto, Portugal

¹³ Pós-Doutor em Informação e Comunicação pela Universidade do Porto. Doutor em Ciência da Informação (PPGCI/UFPB, Brasil), revalidado em Portugal. Mestre em Economia (UFPB). Especialista em Comércio Exterior e Bacharel em Economia (UNIJUI). Bacharel em Administração (URI). Professor do Departamento de Mediações Interculturais (DMI) do CCHLA e professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações Aprendentes (MPGOA) da UFPB (Brasil). Contato: robertosatur@yahoo.com.br

¹⁴ Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Professor do Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD) da Universidade do Porto e Universidade de Aveiro. Doutor em História Contemporânea de Portugal pela Universidade do Minho. Graduado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa de Braga. Tem pós-graduação em Biblioteconomia e Arquivologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e estudos avançados no exterior. Palestrante internacional. Contato: armando.malheiro@gmail.com

Quando falamos em países de língua portuguesa, dizer que somos iguais ou diferentes seria ousado demais, mas teria um fundo de verdade. No mínimo seria verdadeiro, dependendo do ângulo que estivéssemos olhando. Temos mais e menos em comum, simultaneamente. A Língua Portuguesa, como língua oficial, talvez seja o principal ponto em comum que nos torna (todos), de algum modo, latinos. Todavia, a distância que separa alguns desses países o tornam geográfica, econômica, cultural e socialmente diferentes. Essa é a beleza dos ambientes interculturais. O diferente, na perspectiva cultural, ao invés de nos afastar pode nos aproximar. O diferente na perspectiva econômica, em vez de nos afastar pode permitir trocas vantajosas entre nós, afinal somos complementares e não concorrentes. A distância geográfica entre nós pode ser fator determinante para colocarmos o idioma como prioridade em um país ou território coirmão para conhecermos ou iniciarmos negócios e investimentos em determinado continente. Temos um facilitador em comum que nos aproxima: a língua portuguesa. E este aspecto nos conduz ao conceito da interculturalidade e sua importância no processo negocial.

Para alguns autores a cultura são construções coletivas a partir da cognição.

A cultura é a emergência fundamental própria da sociedade humana. Cada cultura concentra em si um

duplo capital: por um lado, um capital cognitivo e técnico (práticas, saberes, saber-fazer, regras); por outro, um capital mitológico e ritual (crenças, normas, proibições, valores). É um capital de memória e de organização, como é patrimônio genético, de uma linguagem própria (mas muito mais diversificada), que permite a rememoração, a comunicação, a transmissão deste capital de indivíduo para indivíduo e de geração para geração. O patrimônio hereditário dos indivíduos está gravado no código genético; o patrimônio cultural herdado está gravado, em primeiro lugar, na memória dos indivíduos (cultura oral), depois escrito na lei, no direito, nos textos sagrados, na literatura e nas artes. (MORIN, 2003, p. 159 apud SILVA, 2006, p. 15)

Portanto, os seres humanos têm presente no seu meio diversas culturas construídas pelo convívio coletivo em grupo. Já os animais têm um comportamento padrão na mesma espécie, pois este não evoluiu na perspectiva coletiva como os seres humanos. Mesmo assim, o ambiente em que vivem faz os próprios animais terem comportamentos distintos e adaptados aquele local, como instinto de sobrevivência mais adequado a aquela realidade. E isso não se limita aos animais. Basta ver que uma das definições de cultura a relaciona a "kultur", "cultur", ou "culto", relacionada originalmente às plantas e seu cultivo. Tanto é que que nas ciências agrônômicas e agrícolas é normal chamar diversas cultivares de cultura (cultura da soja, cultura do milho, cultura do trigo, ...). Como afirma Bosi (2015) tem-se uma "cultura", relacionada a variedade de planta, que ao ser plantada (presente) ela nascerá e crescerá se desenvolvendo até que resulte no que se deseja dela no futuro ("ura"): frutos e colheita.

Portanto cultura pode ser vista na perspectiva do comportamento coletivo em comum de grupos que convivem. Entre os animais está mais limitada ao comportamento e o instinto de sobrevivência, levando em conta o meio que vive. Já entre os humanos a cultura leva em conta, além das condições também apresentadas aos animais, a capacidade cognitiva deste em refletir, racionalizar e negociar sua relação, visando o melhor convívio entre seus pares. Portanto, a cultura humana pode ser considerada mais evoluída por conta da capacidade intelectual a serviço desta. Contudo, isso não garante automaticamente um melhor comportamento no convívio entre os pares e entre as culturas humanas. Aliás, alguns comportamentos humanos (por exemplo: guerras, genocídios, torturas, abusos, agressões a vulneráveis, etc.) são questionáveis tanto na perspectiva da razão, da reflexão e da sensibilidade, e assim, em alguns momentos, chega a se ter dúvidas se, de fato, alguns humanos são mais evoluídos que os dos animais.

Assim, cultura, de acordo com Condemi e Savatier (2019, p. 29-30), é:

[...] todo o conjunto de características comportamentais, de símbolos e ideias partilhadas no seio de um grupo animal. Esta partilha efetua-se através do espaço (isto é, existe transmissão entre os membros do mesmo grupo) e do tempo (ao longo das gerações). Segundo esta definição, os grupos de golfinhos ou de chimpanzés também têm culturas, embora estas não tenham tido, nesses animais, o mesmo efeito evolutivo.

Perante tão extensa amplitude definitória, é preferível passarmos por cima da extrema porosidade e usura do termo cultura, que continua, porém, bastante arreigado em Sociologia e em Antropologia, bem como na vertente erudita das Letras e Artes tradicional e equivocadamente contraposta às práticas culturais populares. Convém, por isso, saímos desse emaranhado, amplo e vago, e percebermos o sentido operacional que se dá à interculturalidade, aspecto central das negociações e sua dinâmica. Segundo Pereira Filho e Ribeiro (2020, p. 159) há que valorizar o contato e a descoberta mútua entre culturas:

O processo de contato e comunicação com uma nova cultura gera diversos resultados, sejam positivos ou negativos. O cuidado com o contexto da cultura local, a consciência e respeito em relação às diferenças culturais e o conhecimento de uma nova língua são os principais aspectos para evitar assimetrias envolvendo questões culturais e linguísticas.

Levando em conta esta preocupação, em cada capítulo o leitor irá perceber que houve atenção especial para falar sobre a cultura local de cada país/território. Inclusive não se limitou a preocupação com a cultura geral daquele local, mas destacando diferenças internas relevantes dentro do próprio país.

Entendendo que a conduta ética tem algumas variações de aplicabilidade (sem perder a essência e os princípios filosóficos centrais) por conta do comportamento humano influenciado pela

cultura local, cada autor(es), se concentra, em cada capítulo deste livro, nas questões culturais, políticas, históricas, sociais e econômicas de cada local. Afinal, isso é muito relevante para quem vai negociar ou investir em um determinado local. Saber sobre o local dá maior segurança jurídica, confiabilidade e entusiasmo (emocional) para quem pensa em investir naquele mercado.

Para tanto, há que considerar imprescindível o conceito operatório de e-infocomunicação, que, no caso, substitui com vantagem o conceito muito generalizado e banalizado de “cultura digital”. O termo aparece cunhado no título de uma obra de Passarelli, Ramos e Silva (2014) organizada e elaborada no âmbito de um Programa Doutoral em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (ICPD), doutoramento fruto de iniciativa conjunta da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e o Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro. Resulta da junção de informação que é “um conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas pela interação social, passíveis de serem registradas em qualquer suporte material (papel, filme, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada” (SILVA, 2006, p. 25), com comunicação (sinônimo de interação humana e social e pressupõe necessariamente a partilha individual ou coletiva de sentido, assimilação e compreensão das mensagens ou informações emitidas, a que acresce sempre a possibilidade de o receptor ou interlocutor agregar algo de

seu e de novo ao sentido comungado). Assim, a infocomunicação é um conceito operatório composto que contém em si muitos dos elementos atribuídos à cultura digital, especialmente a incorporação tecnológica indispensável hoje em dia para se produzir informação, registrá-la, organizá-la, difundi-la e comunicá-la proficuamente. O êxito deste processo infocomunicacional, em que está implícito o domínio da(s) língua(s) e demais códigos e formulações simbólicas, reflete-se, por inteiro, na capacidade negocial em geral e no espaço da CPLP em particular. É preciso frisar que o processo infocomunicacional traz consigo duas dimensões distintas e inseparáveis - a inclusão digital e a literacia da informação - asseguradas obrigatoriamente pelas políticas públicas de Educação, sem as quais todos estes esforços de melhoria da performance negocial das pessoas e dos grupos falha radicalmente, mesmo que se consiga disfarçar artificialmente esse falhanço.

Não por acaso, destaca-se em cada capítulo a importância da informação e da comunicação, buscando sempre comunicar essas informações de uma maneira mais completa, transparente e ética, levando sempre em conta um ambiente cultural específico dentro de uma realidade particular de cada localidade. Somado a isso, temos a tecnologia digital presente, que diminui distâncias e nos aproxima, permitindo-nos trabalhar em conjunto (como neste livro) mesmo estando em distâncias geográficas consideráveis.

Levando em conta este aspecto, o presente livro destaca como está a estrutura e a infraestrutura de TICs/TDICs dos vários

países/territórios da CPLP e como a e-infocomunicação se vai estruturando em cada país membro da CPLP. Evidente que para compreender melhor essa cultura digital antes precisa-se compreender como está o país e a população em termos de infraestruturas em geral, de alfabetização, desenvolvimento econômico, questão social e cultural, dentre outros.

Outra preocupação destacada ao longo do texto foi apresentar e discutir que infraestrutura, produtos e serviços, bem como ambiente de negócios ou de atrativos turísticos o visitante e o negociador irão encontrar no país, com o que podem contar e que fontes de informação podem lhe ajudar a encontrar as respostas que procuram. Tenta-se, aqui, relevar as informações mais prementes ou as primícias, a realidade que será encontrada, algumas possíveis tendências e apontar caminhos possíveis para se buscar mais informações relevantes. Isso tudo feito em um ambiente claramente intercultural, sempre com respeito as diferenças.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. **A origem da palavra cultura**. Disponível em: <<https://pandugiha.wordpress.com/2008/11/24/alfredo-bosi-a-origem-da-palavra-cultura/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

CONDEMI, Suzana; SAVATIER, François. **As últimas notícias do Sapiens**. Lisboa: Vestígio: Círculo de Leitores, 2019.

PASSARELLI, Brasilina; RAMOS, Fernando Manuel dos Santos; SILVA, Armando Malheiro da Silva. **E-infocomunicação**: estratégias e aplicações. São Paulo: Editora Senac, 2014.

PEREIRA FILHO, Luiz Manuel; RIBEIRO, Silvia Renata. Línguas estrangeiras aplicadas ao marketing internacional: uma ferramenta de combate assimetria envolvendo questões culturais e linguísticas. *In*: SATUR, Roberto Vilmar; RODRIGUES, Cláudia Caminha; CHACON, Alyanne de Freitas. (orgs.). **Uma década de LEA-NI no ponto extremo das Américas**: interculturalidade. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. (Coleção Mediações Interculturais & Negociações Internacionais, Livro 1. Capítulo 7). Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/letras-1/uma-decada-de-lea-ni-no-ponto-extremo-das-americas-interculturalidade>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SILVA, Armando Malheiros da. **A informação** - da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico. Santa Maria da Ferreira - Portugal: Cetac.com - Edições Afrontamento: 2006.